



SENSIBILIDADES DE GÊNERO:

PRESENÇAS (IN)DIZÍVEIS NAS NARRATIVAS SOBRE OS MORTOS NA REGIÃO DO CARIRI

Cícero Joaquim dos Santos ¹

Universidade Regional do Cariri-URCA

c.joaquimsantos@yahoo.com.br

Teófilo Silva Primo Correia ²

Universidade Regional do Cariri-URCA

teofilocorreia44@gmail.com

No início dos anos 90 do século XX, o historiador João José Reis (1991) inaugurou a história da morte no Brasil. Ao publicar *A morte é uma festa*, Reis abriu caminhos para que outros historiadores se lançassem nas trilhas da morte como objeto da história brasileira. Dessa publicação até os nossos dias, outras abordagens e problemáticas foram lançadas à morte na sociedade e à história da morte, terreno esse que vem fertilizando muitas pesquisas apresentadas em programas de Pós-Graduações e Graduações em História e áreas afins, como as Ciências Sociais, a Antropologia, as Ciências da Religião, a Comunicação, as Artes, a Arquitetura e a Psicologia.

¹ Professor do Departamento de História da URCA. Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Essa pesquisa conta com o apoio do Programa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/URCA).

² Graduando em História pela URCA. Bolsista de Iniciação Científica CNPq/URCA.

Entretanto, há uma ausência a ser superada. Os estudos recentes vem pluralizando as interpretações sobre o lugar da morte e dos mortos na sociedade. Mas pouco sabemos sobre as relações entre a história dos mortos e as questões de gênero. Essa ausência foi percebida a partir da conclusão da pesquisa de doutoramento em História social da autoria de Santos (2017), bem como das instigantes colocações postas na tese de doutorado em Antropologia escrita por Conceição (2011).

Este trabalho apresenta reflexões relacionadas as narrativas orais sobre a morte e a presença dos mortos no mundo terreno, bem como seus trânsitos no além cristão, e suas conexões com questões de gênero na região do Cariri, sul do estado do Ceará. O estudo, ora em desenvolvimento, problematiza sensibilidades de gênero na contemporaneidade. Desse modo, tem como objetivos: analisar as masculinidades e feminilidades presentes nas memórias sobre a morte e os mortos; compreender as mudanças e continuidades relacionadas às crenças sobre o além-mundo; deslindar as relações entre gênero, idade e classe social nas narrativas sobre os mortos; perscrutar as sensibilidades de homens e mulheres nas memórias sobre seus familiares mortos e seus destinos no além cristão.

Para o desenvolvimento da pesquisa, tomamos a *sensibilidade* como uma categoria conceitual da Nova História Cultural. Em consonância com as considerações da historiadora Sandra J. Pesavento (2007), a sensibilidade é aqui entendida como um modo de apreensão e conhecimento do mundo para além das fronteiras do saber científico e racional. Desse modo, ela pode ser compreendida a partir das sensações e emoções, na reação dos sentidos afetados por fenômenos físicos e/ou psíquicos. De igual modo, diz respeito aos modos através dos quais as sensações são interpretadas, organizadas e traduzidas mentalmente. Sensibilidades são processos singulares pelos quais as sensações se transformam em sentimentos. São construções subjetivas, individuais, porém são compartilhadas socialmente.

Conceitualmente falando, as sensibilidades são “como operações imaginárias de sentido e de representação do mundo, que conseguem tornar presente uma ausência e

produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido” (PESAVENTO, 2007, p.10).

Dialogando com as sensibilidades, o estudo se utiliza da memória como um conceito importante para a compreensão do objeto apresentado. Aqui, a memória (oral) “não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significados” (PORTELLI, 2016: 18).

Dialogando com a memória e a sensibilidade, a pesquisa faz uso da história oral, tomando-a como a arte da escuta e das relações (PORTELLI, 2013). Assim, ela analisa entrevistas orais produzidas com idosos católicos, integrantes e ex-integrantes de irmandades religiosas leigas, residentes nos espaços urbanos e rurais da região do Cariri. Além disso, ela analisa fontes escritas, tomando-as como documentos complementares. Como resultados, o estudo historiciza papéis sociais de gênero, moralidades e referências às masculinidades e feminilidades. De certo modo, os mortos parecem manter desigualdades e hierarquias.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Gênero. Morte. Sensibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONCEIÇÃO, Joanice Santos. *Duas metades, uma existência*: produção de masculinidades e feminilidades na Irmandade da Boa Morte e no Culto de Babá Egun. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais/Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: Escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra J.; LANGUAGE, Frédérique (Orgs.). *Sensibilidades na história*: Memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

PORTELLI, Alessandro. *A história oral como a arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

_____. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios*: ética, memória e acontecimento na história oral. Lisboa: Edições UNIPOP, 2013.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. *A mística do tempo: Narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE*. 2017. Tese (Doutorado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.



